



Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

17 de Janeiro de 1931

Numero 2



"O misterio dos bonecos de cera"
REPORTAGEM SENSACIONAL

LER NESTE NUMERO
VIGARISTA D'ALTO GOTOIRNO
-CONTINUAÇÃO-
DRAMAS DA VIDA REAL
-ETC.,ETC.-

O maior sucesso literário de 1931

Novela Policial

LEITURA EMOCIONANTE ! ■ ASSUNTOS PALPITANTES !

— DIRECTOR : —

■ ■ REINALDO FERREIRA ■ ■

(REPORTER X) ■ ■

FINALMENTE

Sai na Quinta-feira, 29 de Janeiro

NOVELA POLICIAL

N.º 1

O HOMEM DOS TRÊS BRAÇOS

Original inédito do REPORTER X

□ □ Todas as A NOVELA POLICIAL
quintas-feiras

16 páginas — Uma novela policial completa,
original, inédita — Capa a cores

Preço : UM ESCUDO

Dirijam já os seus pedidos de revenda e assinaturas para a Administração do «REPORTER X» e da «NOVELA POLICIAL».

TELEFONE || ROSSIO, 3, 3.º || Endereço
2-5442 || LISBOA || Telegráfico
REPORTERX

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade única de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.

RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

Homens & Factos do L

aos que o tinham acompanhado até à Praça; encontrei-o, à tarde, quando descia a Rua 31 de Janeiro com vagares de turista, pontificando à porta dum confeiteiro, reluzindo o monóculo, saudando as damas com um zig-zag do seu côco como se fôsse um chapéu emplumado de mosqueteiro e cochichando graçolas, mal essas damas se afastavam; topei-o ainda, ao princípio da noite, grave, sisudo, à porta duma tabacaria, numa ranchada de velhos; e mais tarde, no desfile do «hall» do Passos Manuel; e a meio do espectáculo do Sá da Bandeira, nos arredores do teatro, a fazer pim-pam-pum na peça e nos artistas, com o ar decisivo dum árbitro indiscutível...

A maior notabilidade deste cavaleiro, o que dele me picou de interesse — foi o conflito subtil, mas violento, que se travava em todos os seus gestos, atitudes, detalhes de toilette, entre o exterior-fato e o interior-alma... Tive a impressão dum carregador de cais que, segregando o suor da faina, envergasse um diáfano traje de seda branca, um traje de rajá. Dêse do côco inglês ao sobretudo «Príncipe Eduardo»; do colarinho Hollywood ao «tie» de fadiga dos lábios; da acrobacia histrionica do sobrolho, sempre a arquear-se e a franzir-se, aos movimentos de suprema indiferença dos seus ombros largos, tudo nêle correspondia ao Manual do Perfeito «Gentleman», do Perfeito Talento, do Perfeito Homem Digno. E apesar dêsses dogmas exteriores — eu adivinhava, radiografava, através do envolvero, o indivíduo grosseiro que abafa o plebeísmo físico sob a arte dum bom alfaiate, ficando catita, janota, endomingado — em vez de elegante; que corrige o gesto boçal pela atitude estudada ao espelho; que disfarça a esperteza saloia, ignorante e mal intencionada, com ba-

sófiás, silencios á Pacheco, citações apr um das de ouvido, arrojados espantosos, ousaa m fantásticas e, sobretudo, com um impudor n. mentira proprio apenas de quem faz da mentira a única verdade da sua vida...

Detalhe curioso... Ao mesmo tempo que o meu espirito de observação e a minha experiencia cosmopolita iam retocando o «croquis» moral dêsse sujeito desconhecido — amiudava-se, na bôca dos meus cicerones, a evocação de certo herói à Maurice Leblanc, em carne e osso, um tal sr. Jaime de Sousa, de quem os mais resistentes aos seus ardis caricaturavam as pretensões picadillyanas com o sobriquet de «marquês de Sousa» «e cujas façanhas e sobretudo os auto-rescaldos escureciam as dos mais perfeitos no genero. E eu, sem saber porquê, sempre que vinham contar-me a «última» do «marquês de Sousa» — (colecionei, com as respectivas recordações de prosa jornalística e outros apetrechos de contra-prova, uma bôa serie) — idealizava-o na intimidade do meu espirito, vestia-o, movia-o, copiando todos os detalhes do outro, do tal, do da porta do confeiteiro, do monóculo reluzente e do ar pretencioso, à laia de Petronio portuense, de chapéu de côco, e negocio de cabedais em Roma de sociedade com Nero... Um dia disse-ram-me:

— Queres conhecer o «marquês de Sousa»? E' aquêlle que vai ali a deschapelar-se para todos os lados...

Reviravolteei-me; olhei-o, reconheci-o... Era êle — era o outro... era o mesmo...

Durante a minha estadia no Porto, fui coleccionando, por habito, proezas do «marquês de (Conclui na pag. 14)

As façanhas, desventuras e calunias de um marquês...

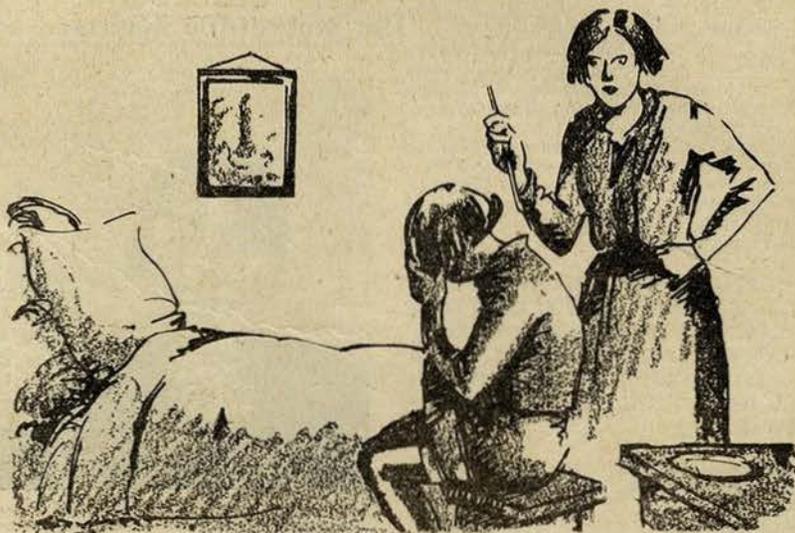
QUANDO, há anos, desembarquei no Porto, com propósitos de demora, amigos solícitos se me ofereceram para me ciceronearem através das ruas — e através das almas. Graças a êsses Cooks humanos conheci o bom e o mal inevitáveis em todas as cidades, dêsde os bairros de Epinal litográfico que são a maravilha pitoresca do velho burgo; dêsde individualidades que dignificam o povo — até êsse Luna Park da miséria que é o Barredo; até ás almas que rastejam muitos metros abaixo do nível dos lodaçais.

O Porto, como Lisboa, como Madrid, como todas as cidades do mundo, possui, além dos elencos citados de boas e más consciências, a sua «troupe» de «tipos» fisicamente notáveis, fenómenos que parecem contratados pelo Município para distração dos forasteiros. Foi entre êsses «augustos» de rua, «clowns» da via pública, que um certo fulanito me chamou a atenção dêsde o primeiro dia. Vi-o na manhã da chegada, madrugador e atarefado, pulando para um taxi e distribuindo apertos de mãos e frases



Quem sai aos seus...

Por Stuart
Carvalho



— Serão! Serão até estas horas! Como se eu não tivesse já sido costureira e não sabia bem o que são êsses serões!...

diária, salvo aquelas horas exa-
tas, que convém evitar por causa dos
fres, procurem-se mais com a quanti-
dade de informação possível. Logo,
devido a esse erro técnico, perde-se
o objeto ao público em grande es-
calo a vida real.
Se, para obter um mitinho de
sensaborão e linúli, que só provoca o
ao leitor. Assim, por exemplo, a casa
dos de óra do "Panoptikum", que se
destino nos levou a desventar das pos-
síveis confusas a que estava condenado.

UMA NOTICIA DA PROVIN-
CIA... «SEM IMPORTANCIA»

Datada de 3 ou 4 de Dezembro, não estamos
terros, salvo nas seções de provincia a seguinte
correspondencia:
«...»
memoria, sem
perigo de ajeitar a prosa do autor...
«LAMEIROS DO SUL: Na semana passada che-
garam a este estabelecimento pertencentes
ao empresario austriaco Ewald Roser,
proprietario de um museu ambulante de figuras de
cera, chamadas «Panoptikum», que depois de per-
correr toda a Europa, segundo declara nos cartez-
es, está realizando uma grande tournée pelo nosso
paiz. O empresario, depois de cumprir as formalida-
des necessarias, mudou no Terreiro da Feira a
barraca, que os visitantes, desde que se dá o primeiro
aspecto que têm vindo por cá. A montagem do
«Panoptikum», que atrahiu muitos curiosos, levou
muito o segredo das duas primeiras noticias subli-
nhamos— pedimos aos leitores para que confrontem a
primeira correspondencia sobre a baracca do sr.
Ewald Roser (toda eia prafidada e simpatiza
adjectivação) com esta ultima— em que as pala-
bras empresario e suas filhas de extraordinaria
beleza são substituidas por um só vocabulo: «vi-
sitas»; e a accusação sevara do primeiro dia,
contra os austríacos, chamando «indolentes, acur-
yados, oisanga de enamorado não correspondido
(significando que as raparigas não davam trêla e
que eram, portanto, honestas) transformada em
queixa contra a familia austriaca que passou a ser
alentadoria contra os bons costumes e a boa mo-
rta...»

SAO QUE SURPREENDE TODA A GENTE
PORQUE O PRESO E MUITO CONHECIDO
E PERTENCE A UMA DAS MELHORES FAMILIAS
DA REGIAO. CORREM VARIAS VERSOES
A QUE NAO DAMOS CREDITO HA TAMBEM
QUEM DIZIA QUE SE TRATA DE UM EXCESSO
DE ZELO—E NOS SOMOS DOS QUE ASSIM
PENSAM.

— Falece o Sr. Zacarias da Costa, honrado
conhecido que, etc...
— OS SALTIBAMBANG AUSTRIACOS QUE SE
APRESENTAVAM COM UMA BARRACA DE
BONECOS DE CERA E QUE SE TINHAM EXI-
BIADO NAS AUTORIDADES, COMO NOTICIA-
MOS, CONTRA LUS DESCONHECIDOS QUE,
SEGUNDO AFIRMAVA O EMPRESARIO, LHES
HAVIAM ESTRAGADO UMAS FIGURAS, JA
ABANDONAVAM ESTA LOCALIDADE. O QUE
FOI VISTO COM AGRADO POR TODOS OS
QUE AINDA RESPITAM OS BONS COSTUMES,
SEGUNDO NOS INFORMARAM, ESTES SALT-
IBAMBANG TÊM PROVOCADO ESCANDALI-
TUBOS CONTRA A MORAL EM TODAS AS
— BARRAS POR ONDE PASSARAM.

O sublinhado é nosso... E enquanto não reve-
lamos o segredo das duas primeiras noticias subli-
nhamos— pedimos aos leitores para que confrontem a
primeira correspondencia sobre a baracca do sr.
Ewald Roser (toda eia prafidada e simpatiza
adjectivação) com esta ultima— em que as pala-
bras empresario e suas filhas de extraordinaria
beleza são substituidas por um só vocabulo: «vi-
sitas»; e a accusação sevara do primeiro dia,
contra os austríacos, chamando «indolentes, acur-
yados, oisanga de enamorado não correspondido
(significando que as raparigas não davam trêla e
que eram, portanto, honestas) transformada em
queixa contra a familia austriaca que passou a ser
alentadoria contra os bons costumes e a boa mo-
rta...»

— Falece o Sr. Zacarias da Costa, honrado
conhecido que, etc...
— OS SALTIBAMBANG AUSTRIACOS QUE SE
APRESENTAVAM COM UMA BARRACA DE
BONECOS DE CERA E QUE SE TINHAM EXI-
BIADO NAS AUTORIDADES, COMO NOTICIA-
MOS, CONTRA LUS DESCONHECIDOS QUE,
SEGUNDO AFIRMAVA O EMPRESARIO, LHES
HAVIAM ESTRAGADO UMAS FIGURAS, JA
ABANDONAVAM ESTA LOCALIDADE. O QUE
FOI VISTO COM AGRADO POR TODOS OS
QUE AINDA RESPITAM OS BONS COSTUMES,
SEGUNDO NOS INFORMARAM, ESTES SALT-
IBAMBANG TÊM PROVOCADO ESCANDALI-
TUBOS CONTRA A MORAL EM TODAS AS
— BARRAS POR ONDE PASSARAM.

O sublinhado é nosso... E enquanto não reve-
lamos o segredo das duas primeiras noticias subli-
nhamos— pedimos aos leitores para que confrontem a
primeira correspondencia sobre a baracca do sr.
Ewald Roser (toda eia prafidada e simpatiza
adjectivação) com esta ultima— em que as pala-
bras empresario e suas filhas de extraordinaria
beleza são substituidas por um só vocabulo: «vi-
sitas»; e a accusação sevara do primeiro dia,
contra os austríacos, chamando «indolentes, acur-
yados, oisanga de enamorado não correspondido
(significando que as raparigas não davam trêla e
que eram, portanto, honestas) transformada em
queixa contra a familia austriaca que passou a ser
alentadoria contra os bons costumes e a boa mo-
rta...»

...!... Bastava essa metamorfose no criterio do
nosso illustre camarada jornalista de Lameiros do
Sul, para que fizessemos um drama oculto pela
barraça dos bonecos de cera...

LUMINANDO AS TRÉVAS

Então nos encontramos... E que se adeficere a tor-
das duas correspondencias era já suspeita— e tor-
tas duas primeiras noticias, do mesmo dia,
destacadas entre as informações barata da provin-
cia, dos aniversario, falecimentos, chagados, parti-
das e nomeações, completavam o plano firme—
A primeira misteriosa jovem de boa familia e
deleza do noticiante em favor do prebo a alimentar-se
com a mão vontade contra a familia de visitan-
tes— e a outra de uma visita feita pelo empresario—
ligavam-se como peças dum só corpo. Mas havia
ainda um ponto de referéncia— debili ou forte
mas que, a ser certo, apontava, de facto espeado,
o cambio para o palco dum drama a coincidência
de a ser de um mesmo ponto pouco visível—
entre o jovem prebo, Aureliano Cascalho, e o
de abastado ladrador que enloquecera inesperadamen-
te, e que também se chamava Cascalho, Augusto
Novaes Cascalho

Sem alardeamos de profetas— confessamos ter
já a immediata noção não de uma tragedia mas
da tragedia, tal e qual eia se desenrolava. Lhe-
sinthica mas eloquente, excita ainda só o co-
do de o nosso evento especial a Almeida do
Sul escutoa não só das passadas bem informadas
e, sem compromettidos, da localidade, como do
prio empresario Ewald Roser e de uma de suas
filhas. Ketty, que o mesmo redactor teve a
ventura de alcançar até a cambito de boca...

QUEM SAÍ AO SEUS...

... Completamente moral para a nossa sensibili-
dade latina e irremediavelmente burguesa, não
será— mas se a verdade que o papel e a mamã
austriacos usam do indiscutível e vistosa beleza
das filhas como lastrara para chamamento do
publico e prosperidade do negocio, verdade é

também que ambos defendem firmemente a ho-
nestidade da prole. Esta, aliás, não necessita
de defesa— porque até hoje, segundo parece, tem-
so portado de forma a que nenhuma morte possa
originar-se do menor tino positivo. O portu-
guez ou o alicante, sobretudo o da provincia, onde
se avestores amorosa não dá uma monocrota ar-
rasadora, tem feito com que o Roser e filhas se
entrepindam mil vezes da idea de tournée
pelo nosso pais...

— Em Espanha já é muito differente da França,
da Alemanha e de toda a Europa por onde tem
passado— queixou-se-nos a linda Ketty no inicio
dos seus desabais... Mas como em Portugal não
vimos ainda... Não é só o aborrecimento de nos
persequerem como caçadores de feras: é que,
como nós não queremos credor, amecan-ion,
juvia vindica, como se os nossos corpos— e
meu e de minha irmã— estivessem ligados no
preço da entrada...
Orá bem. Uma vez chegados a Lameiros do Sul,
como pararam para Evara, onde se dirigiram, a
troupe saíra o habitual assaio de alguma coisa
danyla da terra. Um entre elles— precisamente
o sr. Aureliano Cascalho— se saltitouno logo
no cerco que fez ás jovens austríacas. Não saía
da barraça o sr. Aureliano Cascalho é, pelo
vicio, o terror de todas as virtudes femininas da
região. Ordo de pai, rapidamente expostas a
herança nas orgias simpoticas com muita orelheira,
vinho, fides e remeiros telex. Um tio seu— o
abastado ladrador Augusto Cascalho— é a vi-
tima financeira do sobrinho devedor que este
quei mo toda ou quasi toda a fortuna paterna. Mas
segundo consta, em materia de donjuanism é
tal eio e tal sobrinho, apesar dequê orjar pelo
circulo das filhas do sr. Aureliano. Já as outras
estrangerias custava-be em em dozes, presentes
e bilhetes, obrigando-o a mais uma visita a casa
de... Ma, no conto da avareza do velho
de pai, o tio costumava acobier-be os perdidos
de dinheiro, naquê dia mostrava-se não só ge-
neroso como communicativo... E que o abastado
ladradorinha vinha, ao passar pelo Terreiro da
Feira, umas saltibambang muito cutizas e esba
que o sobrinho passava o dia no circo (o velho
sitiro julgava tratava-se de um circo de cavali-

...!... E assim como quem não queira o colar—
para manter o respeito familiar, claro está— foi
instruindo que pagaria por qualquer preço a
colivete de Aureliano se este lhe preparasse o

...!... E assim como quem não queira o colar—
para manter o respeito familiar, claro está— foi
instruindo que pagaria por qualquer preço a
colivete de Aureliano se este lhe preparasse o
sobrinho... e a mala velha, também— dezoito
de e os amigos se adelantam e, não predo
de vista a ranchada das fugitivas, via para
elas, estavam e, deixoz primeiro que as rapa-

terreno... E Aureliano deixou-se sentir pelo pré-
mio...
Não sendo tio, percebeu que devia mudar de
lactica. Em vez de se apresentar como galle de atre-
vido, não se tratava de uma loucura freque-
ravel— como abria a loucura. O sr. Augusto Cas-
calho lamurias ridicores, com o mesmo estato
que costumava declarar-se a mostra de campo,
para que a abraçasse a porta do circo (continuava
a convicção de que se tratava de um circo). Quando
a rapista, farta de o acatmar, se cansou e fecho
a janela— ele não desistiu. Deu a volta e experi-
mentou a porta. A porta fora mal fechada pelas
fugitivas... a pressa de se reconhecer a baracca.
Com cautela de ladro, entrou no museu; e logo
per felicidade, o yrimetro cubitico não pode avan-
çar era quele em que o sobrinho, momentos
antes, estivera a fazer os estragos...
Não é fácil diagnosticar o que se passava, tanto
naquê cérebro pouco substancial, de nascença,
piorado pelos vapores do alcool do do estomago
trudave, intoxicando-o e olanzando-lhe
dentes, agrado pelo facto de ignorar que aquilo
era uma baracca de figuras de cera. O que se
salcou é que o velho sitiro, depois de se assustar
dando um encontrão a um creado de libertad, que
escapara a furia do Aureliano e que os caiz nos
bracos como um cadaver, descorrita, derribada,
desteetla, diuforme, a Catarina da Russia, quiz ca-
beça, que, para camufo, pousada pelo destruidor,
ficara intacta, em que o sr. Ketty, visto que fora Ketty
que servia de modelo ao pai, na moldagem da
figura— e com que êle, tio Cascalho, estivera
fiando, segundos antes, o termo é termo do
velho, assalbe instante de terra? Que Ketty se
sucidara? Que detersa fgo a si própria? Que era
brava e que se desencarnara? Que era uma
mulher que queria metamorfosear-se em
da Virgem Santissima protegendo uma virgem
humana das garras dum sátiro? Que estava louco?
Sabemos...

—embrigado, assiala a baracca—

OS DRAMAS IGNORADOS DA PROVIN-
CIA
O MISTÉRIO DOS BONECOS DE CERA

Um empresário austriaco em "tournée" por Portugal, com um museu ambulante, "Panoptikum",
que se queixa às autoridades dum enigmático atentado—Um Tenório
alentejano, preso—Um tio do Tenório. "O bastado ladrador" que
enloqueceu de súbito—A ceia-armadilha—O assalto

UMA PRISAÇÃO, UM ATAQUE DE
LOUCURA, DUAS COINCIDEN-
CIAS E UMA METAMORFOSE

Dois dias depois, nas mesmas seções de pro-
vincia, temos um novo e variado noticiário espe-
cial—mas sempre correspondente...
«LAMEIROS DO SUL: Regressos a esta locali-
dade, depois de uma tournée de alguns dias,
o sr. Falso, abastado commercante em Manua
(Brazil), que, etc...
«...»
Parceira amã o seu aniversario natalicio os
meninos Falamo, Beltramo, etc...
— FOI ATAcado DE UMA GRAVE E SÚ-
BITA DOENÇA MENTAL O SR. AUGUSTO NO-
VAES CASCALHO, ABASTADO LAVRADOR,
QUE ERA GERALMENTE ESTIMADO, CAUSAN-
DO ESTA FATALIDADE PROFUNDO PEZA-
R EM TODOS QUANTOS O CONHECIAM E
ESTIMAVAM.

— TOMOU posse do seu lugar de Director da
Escola Bernarado Sá o distinguido professor sr.
Cirano, que, etc...

— FOI PRESO AURELIANO CASCALHO DE
77 ANOS. IGNOARA-SE A CAUSA DESTA PRISA-

... Completamente moral para a nossa sensibili-
dade latina e irremediavelmente burguesa, não
será— mas se a verdade que o papel e a mamã
austriacos usam do indiscutível e vistosa beleza
das filhas como lastrara para chamamento do
publico e prosperidade do negocio, verdade é

Ketty Rosen, que foi modelo no moldagem
da Catarina da Russia no Terreiro da Feira,
sobretudo do Augusto Cascalho.
Nuestro caricaturista «Panoptikum»
seu a aguilonarm.

O director, Aureliano Cascalho,
sobretudo do Augusto Cascalho.
Nuestro caricaturista «Panoptikum»
seu a aguilonarm.

O abastado ladrador de La-
meiros do Sul, sr. Augusto
Novaes Cascalho, abastado
lavrador de sabão.

— Em Espanha já é muito differente da França,
da Alemanha e de toda a Europa por onde tem
passado— queixou-se-nos a linda Ketty no inicio
dos seus desabais... Mas como em Portugal não
vimos ainda... Não é só o aborrecimento de nos
persequerem como caçadores de feras: é que,
como nós não queremos credor, amecan-ion,
juvia vindica, como se os nossos corpos— e
meu e de minha irmã— estivessem ligados no
preço da entrada...
Orá bem. Uma vez chegados a Lameiros do Sul,
como pararam para Evara, onde se dirigiram, a
troupe saíra o habitual assaio de alguma coisa
danyla da terra. Um entre elles— precisamente
o sr. Aureliano Cascalho— se saltitouno logo
no cerco que fez ás jovens austríacas. Não saía
da barraça o sr. Aureliano Cascalho é, pelo
vicio, o terror de todas as virtudes femininas da
região. Ordo de pai, rapidamente expostas a
herança nas orgias simpoticas com muita orelheira,
vinho, fides e remeiros telex. Um tio seu— o
abastado ladrador Augusto Cascalho— é a vi-
tima financeira do sobrinho devedor que este
quei mo toda ou quasi toda a fortuna paterna. Mas
segundo consta, em materia de donjuanism é
tal eio e tal sobrinho, apesar dequê orjar pelo
circulo das filhas do sr. Aureliano. Já as outras
estrangerias custava-be em em dozes, presentes
e bilhetes, obrigando-o a mais uma visita a casa
de... Ma, no conto da avareza do velho
de pai, o tio costumava acobier-be os perdidos
de dinheiro, naquê dia mostrava-se não só ge-
neroso como communicativo... E que o abastado
ladradorinha vinha, ao passar pelo Terreiro da
Feira, umas saltibambang muito cutizas e esba
que o sobrinho passava o dia no circo (o velho
sitiro julgava tratava-se de um circo de cavali-

— Em Espanha já é muito differente da França,
da Alemanha e de toda a Europa por onde tem
passado— queixou-se-nos a linda Ketty no inicio
dos seus desabais... Mas como em Portugal não
vimos ainda... Não é só o aborrecimento de nos
persequerem como caçadores de feras: é que,
como nós não queremos credor, amecan-ion,
juvia vindica, como se os nossos corpos— e
meu e de minha irmã— estivessem ligados no
preço da entrada...
Orá bem. Uma vez chegados a Lameiros do Sul,
como pararam para Evara, onde se dirigiram, a
troupe saíra o habitual assaio de alguma coisa
danyla da terra. Um entre elles— precisamente
o sr. Aureliano Cascalho— se saltitouno logo
no cerco que fez ás jovens austríacas. Não saía
da barraça o sr. Aureliano Cascalho é, pelo
vicio, o terror de todas as virtudes femininas da
região. Ordo de pai, rapidamente expostas a
herança nas orgias simpoticas com muita orelheira,
vinho, fides e remeiros telex. Um tio seu— o
abastado ladrador Augusto Cascalho— é a vi-
tima financeira do sobrinho devedor que este
quei mo toda ou quasi toda a fortuna paterna. Mas
segundo consta, em materia de donjuanism é
tal eio e tal sobrinho, apesar dequê orjar pelo
circulo das filhas do sr. Aureliano. Já as outras
estrangerias custava-be em em dozes, presentes
e bilhetes, obrigando-o a mais uma visita a casa
de... Ma, no conto da avareza do velho
de pai, o tio costumava acobier-be os perdidos
de dinheiro, naquê dia mostrava-se não só ge-
neroso como communicativo... E que o abastado
ladradorinha vinha, ao passar pelo Terreiro da
Feira, umas saltibambang muito cutizas e esba
que o sobrinho passava o dia no circo (o velho
sitiro julgava tratava-se de um circo de cavali-

(Conclui na pag. 14)

Dramas da vida real

Um redactor do "Reporter X" surpreendeu em Guimarães um episódio vivido, que se assemelha ao — "Crime do Padre Amaro" de Eça de Queiroz —



UM autêntico romance de amor que é bem um drama ignorado da província. Drama intenso de vibrações dolorosas, completa novela de tragédia que um escritor de pulso decerto não desdenharia tratar.

Nada lhe falta! Há lances admiráveis de abnegação e situações empolgantes de amor; contingências difíceis de obrigada crueldade e o turbilhão amalgamar de sensações fortes dentro do cérebro tiranizado pela paixão, no entrechoque brutal dos mais opostos pensamentos.

Primeiro, é o sonho formoso a envolver duas almas moças, belamente enamoradas, que esquecem o mundo na contemplação de visionária ventura; depois, vem o desabar cruciante das ilusões, o sopro real da vida a esfarrapar a fugidia e enganadora miragem de felicidade, entrevista em curtos momentos de simpática loucura; e, por último, dá-se o desenlace inesperado — epílogo triste a finalizar tristemente a frissonante novela de amor.

E, em suma, uma página comovente de reportagem arrancada à vida — e anotada à pressa, no meu humilde carnet de reporter nesta viagem-relâmpago através a província em busca de assuntos fortes...

UMA GRANDE TEMPESTADE DE ALMA

O padre Manuel Olímpio acabara de concluir, brilhantemente, a sua formatura em teologia, indo ocupar o lugar de prior na freguesia de Sampalo ou S. Domingos, em Guimarães — a histórica e vetusta cidade que foi berço da nossa nacionalidade.

Os seus 23 anos frescos e sadios, de viril masculinidade a remarcar-lhe mais desoladoramente ainda o ascetismo obrigatório do sacerdócio, depressa lhe atraíram as simpatias de toda a cidade.

De feições insinuantes e joviais a sintetizar uma alma boa e elevada, porventura poupada pelas agruras da vida, levava o bom sacerdote uma existência digna e exemplar, dividida entre a prática dos officios divinos e o prazer da solidariedade.

A noite, gostava o padre Olímpio de ir cavaquear um pouco com o seu colega K., com o qual se esquecia horas consecutivas, entregues ambos a inofensivas divagações sobre assuntos de interesse local.

Tinha o padre K. uma irmã — graciosa e interessante moça, de porte esbeto e adorável semblante de boneca, onde havia uns lindos olhos glaucos a sonhar, a sonhar sempre em coisas irreais. Devia orçar pelos 22 anos — 22 anos que eram outras tantas primaveras a acentuar-lhe em promessas ricas a alegria de viver, despreocupada e feliz, numa felicidade inconsciente, infantil...

Pois se era tão criança ainda, a encantadora Eduarda!...

E assim, nesse ambiente de sã amizade, iam rolando os dias, as semanas, os meses, docemente,

na suavidade plácida do viver provinciano, com total ausência da vertigem dos grandes centros — sem uma emoção a dar inéditismo à vida, pautado o tempo pelo mesmo ritmo constante do hábito permanente, em enervante serenidade.

Foi o tempo que, insensivelmente, os aproximou um do outro, estreitando os laços da sua mocidade virgem ainda de afectos grandiosos e belos — realizando aquilo que eles estavam longe de supor.

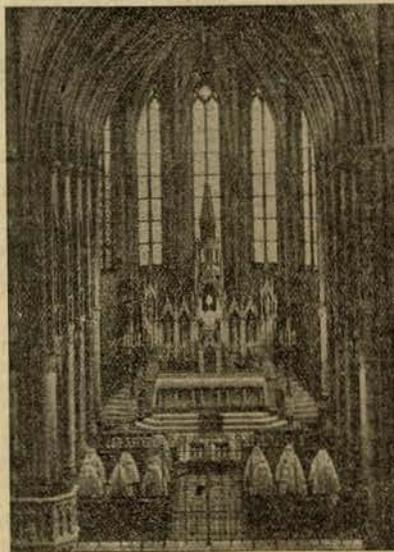
Eduarda começou a achar-se invadida por paradoxal sentimento, num mixto de ventura e de tristeza simultâneas que lhe punham rajadas de desejos indefinidos, vagos, no formoso peito, e lhe roubavam a antiga alegria, a alegria comunicativa que era como que um sol radioso naquela casa. Agora os dias custavam-lhe a passar, melancolizada por penosa ideia que lhe povoava o cérebro ardente.

Os seus gestos tornaram-se-lhe rítmicos, mecanizados, ante as doces repressões do irmão, o padre K., que a disfrutava risonhamente, concluindo por dizer:

— Mas o que tens tu, pequena, que de há uns tempos para cá me parecees parva?... Andarás, acaso, doente?

Logo ela, num sorriso forçado, feito de tristeza, protestava:

— Que ideia! Nunca me senti tão boa como agora!... O mano também sempre tem cada uma...



Num convento, em Espanha, longe das convenções sociais, Eduarda entrega-se ao culto da sua grande saúde

E achava meio de esconder o rosto perturbado na aflição de ser descoberta, a querer ocultar as cores vivas do rubor que lhe podia denunciar a luta desenrolada lá bem no seu íntimo.

Por sua vez o padre Olímpio, frente a frente com a sua consciência de homem, certificava-se atterado de que o seu coração — pobre fibra rebelde ao demónio da razão — o havia implicado em situação insustentável, amarrando-o a tormentoso destino.

Amava Eduarda, perdidamente, desgraçadamente. E acudindo-lhe agora à mente certos factos passados, determinados olhares, gestos equivocados de Eduarda, adivinhava-se correspondido também, no mesmo impulso de paixão subjugante e inventível.

— Que fazer nesta perigosa contingência?... — Interrogava-se espavorido, ajoelhado ante um crucifixo, como que a pedir-lhe a ideia salvadora — Resistir! Resistir sempre, através de tudo, valorosamente, custodiado pela sua religião, fortalecido pelo seu dever de sacerdote...

No entanto, a sua vida passou a ser eterno sofrimento com o espírito vergastado por implacável luta — a luta do Padre com o Homem, o dever contra o desejo.

Um só encontro com Eduarda desafiava-lhe todo o efeito dos inúmeros castigos corporais que se impunha.

E' que nos olhos dela havia diabólica sedução, sonho, amor... e, acima de tudo, ele era homem, partícula mínima da humanidade amassada em paixões...

A casa do padre K. continuava a atraí-lo irresistivelmente, numa tentação demoníaca a que era impossível subtrair-se.

Uma noite foi o padre Olímpio visitar, como de costume, o seu colega K.. Este porém tinha sido chamado à pressa para junto da cabeceira de um moribundo.

O acaso encarregou-se de dar sucessão lógica aos factos.

A voz de Eduarda, ao comunicar a ausência do irmão, tremia, a sustada por instintivo perigo. E inconscientemente franqueou a entrada na casa.

O padre Olímpio, ausente de si próprio, sem pensar também nas consequências que podiam advir de um encontro a sós com a mulher amada, foi entrando, dirigindo-se, automaticamente, para a mesma saleta onde costumava passar o serão com o seu colega.

Depois, quedaram-se os dois, em silêncio, perturbados, não se fitando, tremendo nervosamente. Sem saberem como, acharam-se sentados no mesmo sofá, próximos do outro, quasi colados, permutando a quentura da carne moça.

A noite asfixiava de calor. A terra abrasava de sede. Lá fora caía silêncio — o silêncio pesado que envolve as coisas e acabrunha os homens.

Naquela aposento respirava-se uma atmosfera de fogo, de lassidão mole a envolver os corpos e a aquecer os sentidos.

O padre Olímpio contava 23 anos — já o dissemos... Eduarda resumava juventude, era formosa, estuando de desejos, de pecado...

O temperamento manda — e as carnes obedientes cumprem...

E' a lei fatal do género humano!

Os dois apaixonados amantes passaram a viver uma vida latente de delírio, sorvendo a largos haustos o sabor agri-doce dum amor de pecado, com entrevistas fortuitas a altas horas da madrugada e escondendo da curiosidade indigena as suas relações de crime.

E quanto mais sabiam a impossibilidade desse amor, tanto mais se queimavam no seu desejo, desvalrados pela perdição das suas almas, integrando-se na alucinação da insaciabilidade dos sentidos.

A cidade de Guimarães assistiu então à maravilhosa reconstituição do "Crime do Padre

(Conclui na pag. 15)

A EXPANSÃO DO "REPORTER X"

O desenvolvimento dos nossos serviços administrativos

Aviso aos nossos agentes da província, — colónias, Brasil e Estados Unidos —

Desde o número passado que o nosso jornal passou a ser distribuído e expedido directamente por esta administração, instalada no Rossio, 3, 3.ª, Lisboa (telefone 25442, endereço telegráfico: Reporter X). Da mesma forma as liquidações deverão ser feitas directamente com esta administração. Desde o início que este semanário, cujo êxito de venda, sempre crescente, atingiu proporções que colocam a sua tiragem (35.000 exemplares) à frente de todos os semanários portugueses e num dos primeiros lugares entre todos os jornais portugueses, era distribuído e expedido por intermédio da empresa do ABC e Abc-zinho, a cuja organização, amizade, interesse e esforços ficamos devendo um profundo reconhecimento. Mas o desenvolvimento do Reporter X, a sua expansão, tanto nas cidades como na província; o alargamento da sua venda em todas as colónias e no próprio Brasil e cidades norte-americanas onde residem grandes núcleos de portugueses, exigiam essa deslocação de serviço para os nossos escritórios, ultimamente ampliados com novas salas, confiando ao nosso próprio pessoal, que foi aumentado com funcionários especializados em organismos de administração jornalística. Está também nos nossos projectos estabelecermos um contacto permanente, inteligente, técnico, entre esta administração e os seus agentes de venda, a fim de lhes prestar todo o auxílio possível para maior engrandecimento na expansão e venda. Rogamos, pois, aos nossos agentes que nos facilitem estes nossos projectos, pondo-nos em dia com todo o movimento de venda das nossas publicações, informando-nos sobre as preferências mais notáveis do público sob a sua observação directa, quando, como e porque a venda diminui ou sobe, e os assuntos locais que mereçam ser tratados por nós e que possam fazer aumentar a procura do público. Pedimos igualmente que nos avisem sempre que as nossas publicações se esgotem, para que aumentemos gradualmente as nossas remessas.

NOVAS PUBLICAÇÕES

"NOVELA POLICIAL" "O XIZINHO"

No próximo dia 29 começaremos a publicar semanalmente (às 5.ª feiras) a «Novela policial», que está sendo aguardada com grande interesse pelo público. Todos sabem que este género é, entre todos, o que dispõe de maior número de leitores. Contudo, nunca como agora a literatura policial é oferecida ao público por uma forma tão atraente, moderna e popular. Todas as semanas publicaremos uma «Novela Policial» completa, passada em Portugal ou com personagens portuguesas, redigidas as principais e escolhidas as restantes pelo mestre português do género que é, sem dúvida, Reinaldo Ferreira (Reporter X), o que constitui a maior garantia do êxito. São 16 páginas cuidadosamente editadas, capa a duas cores e a um preço ao alcance de todas as bolsas: um escudo.

Estamos igualmente preparando um semanário para crianças *O Xizinho* que vai constituir seguramente o maior êxito na especialidade, pela sua inovação, pelo seu modernismo, pela sua orientação. As características do Reporter X serão mantidas no *Xizinho*, mas, já se vê, adaptadas aos espíritos da mocidade: aventuras, extravagâncias, ciência, Julio Verne, Sherlock, enfim, um Reporter X para crianças cujos objectivos educativos e morais não enfrequecem o interesse da leitura.

UM ACONTECIMENTO TEATRAL

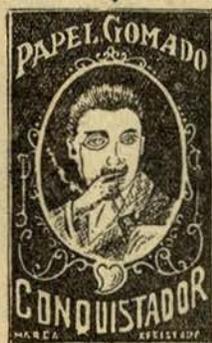
"A DAMA DO SUD"

O drama de Reinaldo Ferreira ("Reporter X"), cujos ensaios prosseguem activamente, estreia-se no próximo dia 22 no Teatro do Gimnasio

Raras vezes os ensaios de uma nova peça, no confuso trabalho *au ralenti* das marcações e dos primeiros apuros, terão entusiasmado a sensibilidade experimentada dos artistas como sucede actualmente no Teatro do Gimnasio com a «Dama do Sud» de Reinaldo Ferreira. A empresa daquêlê teatro merece todos os elogios pela forma moderna e larga com que prepara este *clou* da temporada, não se ledeando dificuldades nem se poupando gastos. Além dos valiosos elementos de que se compunha o seu elenco, — entre os quais destacaremos Palmira Bastos, gloria da scena portuguesa, para quem foi escrita a peça; Tarquinio Vieira, um novo que rapidamente se guindou à categoria dos nossos primeiros galãs e que tem a seu cargo o difficil papel de Afonso Calafalaia — um moço provinciano romântico e inexperiente, que se embriaga de súbito pelos esplendores e pelos vícios da vida cosmopolita das grandes cidades e a que uma paixão mórbida pela «Dama do Sud» arrasta a todas as loucuras; Maria d'Eça, uma ingénua que se impõe ao público pela intelligência, pelo brilho e honestidade dos seus processos, e que interpreta a simpática personagem de Maria da Luz — uma portuguezinha simples e sentimental, que sofre, resignada, a traição do homem que ama — a empresa do Gimnasio contratou especialmente para o drama de «Reporter X» o admiravel artista que é Alexandre de Azevedo — que incarna o papel de Angelo de Lencastre, o fidalgo português com todos os defeitos, virtudes e impetuosidades da raça sob um involucreo flegmático de inglês e cujo «segrêdo trágico» serve de eixo ao mistério empolgante da obra; Constança Navarro, actriz de indiscutivel talento, figura galante e *mignogne* que as nossas plateias não se cansam de aplaudir e que faz o papel de «Rosette» — uma cosmopolita do «Sud», estouvada, leviana, mas generosa e dedicada; e Joaquim Miranda e Rafael Alves — duas figuras categorizadas do nosso teatro, a quem foram confiados respectivamente os papeis do jornalista João de Alencar e do inglês Clarkton.

A montagem da «Dama do Sud» está sendo rapidamente realizada e com todo o rigôr, sobretudo a scena do primeiro acto — o *hall* de um grande Palace — e a do segundo, o *boudoir* de M.^{me} Adrien. Palmira Bastos, que além do seu papel de protagonista se encarregou da direcção dos ensaios, tem sido uma admiravel colaboradora, oferecendo o melhor da

O PAPEL DE FUMAR



CONQUISTOU O SEU LOGAR PELA QUALIDADE

PARA O TEMPO QUENTE

TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM ALIMENTO RECONSTITUINTE N'UMA SÓ BEBIDA

Prepares a seu **TODDY** com um agitador

AVENDA EM TODA A PARTE

Mantua L. da

29 C. DE S. FRANCISCO, 57 - LISBOA

sua experiência e da sua invulgar cultura teatral na *mise-en-scene* da peça.

«A Dama do Sud», que deve subir á scena no próximo dia 22, está sendo aguardada pelo público com verdadeira curiosidade. Sendo esta a estreia a sério de Reinaldo Ferreira como dramaturgo — é natural que os seus inúmeros leitores se impacientem por ver as qualidades que «Reporter X» revela no teatro.

Vigarristas de alt coturno

José Maria Salema Garção, com escritório de comissões e consultorias na Rua dos Dourados, 33, escreveu ao nosso redactor Pereira uma carta confidencial, em conversa que com ele tivera ácerca de Artur Penedo Costa e remetendo-lhe o mesmo tempo cópia de um interessante officio que há tempos endereçara ao mesmo Penedo Costa, para significar este cavalheiro, sócio do já célebre Joaquim Vasconcelos Ferreira, de quem largamente nos occupámos no número transaccão, vamos reproduzir fielmente o texto do officio do sr. José Garção.

Liisboa, 26 de Dezembro de 1929
Registada com aviso de recepção
11.º sr. Artur Penedo Costa,
Avenida Marquês de Tomar, 43, 2.º
LISBOA

Meu Sr.,
Incluzo remeto cheques a si e a casa Correia Leite, Santos & C.ª, no valor de 3.000\$00, cheque que V. S.ª me entregou quando lhe emprestei esse dinheiro. Este cheque é a restituição por uma letra emitida de V. S.ª, de igual importância, foi sempre em nome de V. S.ª, e não de outro nome, que propus no Tribunal do Comércio, visto V. S.ª não ter pago a letra nem ter dado o nome de quem a emittiu.

Só agora faço a restituição do cheque porque já não tenho necessidade dele para elemento de prova.
Aproveito o ensejo para informar V. S.ª que foi condemnado no Tribunal do Comércio a pagar-me a importância em dívida, e espero que V. S.ª requirir se attendo dentro de um tempo prazo de tempo a fim de liquidar a execução.
Sem mais, sou com estima e consideração

De V. S.ª
Al. Ven.ª e Obgd.ª
A. José Garção

O cheque que Artur Penedo Costa entregara ao sr. José Garção e que este lhe devolveu, conforme se depende do officio transaccão, não tinha cobertura, tendo perante a lei a classificação de bugia.

Este Penedo Costa, sócio do Vasconcelos Ferreira em várias falcatras, possui uma fabrica de teijos próximo de Lisboa. Para o que se tem prestado essa fabrica de teijos, nas mãos desses cavaleiros de industria, não sabe-lo os leitores. Mas a industria de chegar-mos á fabrica, que fica na Azinhaga do Anso, para os lados de Telheiras, conservemo-nos uns momentos cá pela cidade baixa, onde não perderemos ao nosso tempo.

OS HOMENS DOS SEUS INSTRUMENTOS

O Penedo e o Vasconcelos são uma espécie de jazz-bandistas dos negócios. Tocam os instrumentos de várias negociações ao mesmo tempo e são afinados quando lhes permite a boa fé dos intrajudós.

Occupamo-nos, no número passado, da célebre venda de trigo á Manutenção

Militar, que lhes rendeu umas centenas de contos dissipados em regabote rijo em Sevilha. Correia Leite foi a grande vítima dessa negociação.

Mas equê banqueiro estava fadado para pagar as diferenças de outros negócios maravilhosos dos activos commerciantes. Feliz porque se tivesse dedicado, com êxito, a negócios de trigo, os bons commerciantes sentiriam uma decidida vocação para a agricultura. Eles deviam ter decorado a maxima patriótica de que «Portugal é um país agrícola». Dai o seu quasi subito interesse pela terra, a terra-mãe, a terra que dá pão, vinho e felicidade.

Abordaram Correia Leite e descreve-

trabalho esgotante. O Penedo e o Vasconcelos nunca trabalharam tanto na sua vida.

Os cabos dos três meses tinham gado, e o melhor, tinham recebido de Correia Leite, vinte contos e arroteado... 5 hectares, o que produziu um rendimento de um conto!

Estupendo este negócio! Genial! Gastam-se vinte contos para produzir um trabalho que rende um conto apenas!

O negócio do tractor lá foi avolumar os mil e duzentos contos que êles vieram a ficar a dever á firma Correia Leite, Santos & C.ª.

Mas a imaginação destes homens de negócios é fértil e a sua actividade febril. Ainda não têm rematado uma transacção feliz, — porque as suas transacções são sempre felizes para êles — já andam pensando noutras de grande vulto.

Do arroteamento da terra passaram êles á venda de madeiras, negócio em que por várias vezes se distinguiram com bons resultados pecuniários.

Desta vez rondaram outra presa. Não podia ser sempre a firma Correia Leite, Santos & C.ª. Estabularam negociações com a casa Casimiro do Rosario, Ld.ª, propondo-lhe um negócio de madeiras em Espanha. A transacção era apresentada como sendo a mesma das maravilhosas Floreato pedindo dinheiro para despesas inadmissíveis e alcançaram dois mil escudos.

Mas a firma Casimiro do Rosario, Ld.ª era mais cautelosa do que Correia Leite. A breve trez verificou que se ia meter em uma aventura perigosa. Vasconcelos e Penedo, de seguro, não possuíam senão meia dúzia de cartas vultuosas trocadas com pessoas que não eram do seu conhecimento. Era pouco para garantir as mil e uma maravilhas que os cavalheiros contavam do famoso negócio. O grande castello de cartas pacientemente construído pelos charlatães foi abaixo com um sópo. E a firma prestes a ser burfada apron afinal que, mesmo que o elementos que lhe apresentavam fôsssem verdadeiros, viria ainda a perder na transacção a bagatela de 150 contos.

Com os tracs, as artimanhas e armadilhas concebidas pelo Vasconcelos Ferreira e seu sócio Penedo da Costa, poder-se-ia escrever um livro estapando de

Um Penedo que não é mudo nem quedo como um dito... Uma decidida paixão pela agricultura — Um negócio em que se gastam vinte contos para receber um — As célebres madeiras de Espanha — O trespasso do que não lhes pertencia — Pagam-se dividas com tejos para melhor enganar a... itimas — Aguardando que justiça lhes seja feita

previsto. São de uma fantasia inextinguível e de uma argucia tanto mais apurada quanto maior é a boa fé e a confiança das pessoas de quem se aproximam.

O que chega a ser espantoso é que essas boas almas ainda se encontrem a solta, gozando uma liberdade que lhes permite repetir até ao infinito as suas façanhas.

Depois da falência de Correia Leite, sua maior vítima, êles dedicaram-se a aproveitar cuidadosamente as migalhas deixadas por aquela firma.

O escritório dos burles, que estava hipotecado àquela casa bancaria e sobre o qual estava correndo um mandado de despejo, por falta de pagamento de rendas, serviu-lhes ainda para uma tranquilha. Resolveram trespassar-lo á casa Palmares para a módica quantia de dez mil escudos, recebendo imediatamente mil escudos de sinal.

A casa Palmares, porém, melhor avisada não permitia que lhe passassem o dinheiro. Previu-se a tempo e resolveu o caso no forel, obrigando-os a restituí-lo do dobro a sinal. Desta vez de nada lhes valearam as suas muitas habilidades.

Resta-lhes ainda entre mãos um poderoso instrumento de vigiarie: a Fabrica de Ceramica «A Holandesa». Fabricam tejo e como não têm dinheiro resolveu pagar aos seus credores com tejos.

Tantos escudos — tantos tejos. Não existe processo mais simples de pagamento, como a primeira vista parece.

Mas aquêles demorões arranjam sempre artes de complicar o que é simples, aproveitando-se dessas complicações. São os tejos.

Um cavalleiro, supponhamos, pretende receber do Penedo a quantia de mil escudos. O Penedo, que não é mudo nem quedo, propõe a concordata.

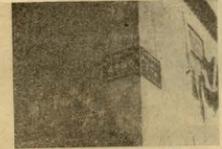
— Não tenho os mil escudos em dinheiro — diz êle — mas posso muito tejos para vender. Promova-me você a venda de tejos na importância do meu débito e guarde o seu produto.

— Crede, desespera-se alho, vendo que por êse processo tem probabilidades de cobrar com segurança o que lhe devem, promove a venda dos tejos! A ou a B; quando porém vá para receber a respectiva importância já a Fa-

brica «Holandesa» se adiantou, embolando o dinheiro e alegando com lógica que os tejos são seus, de seu fabrico e que a Fabrica recebe o produto dos tejos que fabrica.

Inumeras são as vítimas destes vigarristas de alto coturno. Uns resignam-se, calam-se, acobardam-se, recessos ainda de qualquer vingança, porque o Penedo e o Vasconcelos ufamam-se de ser poderosos no nosso meio social. Outros revoltam-se e recorrem aos tribunals que, assobeados com innumeras causas em transito, vão demorando o castigo dos burles o tempo bastante para avolumarem os seus telos.

Entretanto, aguardando que melhor



A Azinhaga do Anso, para os lados de Telheiras, onde fica a fabrica de tejo do Penedo Costa

justiça lhes seja feita, nós amarramo-lhos ao pelourinho da opinião pública, que depois de os julgar em toda a sua hediondez os condenará sem apêlo nem agravo.

REPORTER MARIO

JULIO GORGAL

RECLAMES
CARTAZES

Publicidade no
«REPORTER X»

e todos os jornais nacionais e estrangeiros

AH! «NICOLA», «NICOLA»

Inauguro-se há tempos em Lisboa um café de «seres e talas» emcomanar a população alfacinha. Bocage e a sua tertulia intelectual, todos os seus poemas e graçolas, farsas e dramas, todos a Lisboa da sua época, pareciam reviver na tabuleta — Café «Nicola». E para cúmulo instalava-se no mesmo local onde, há um século, «Nicola» se afamou. A gente ilustrada e a que apenas visava o passado por instinto gozaram a esperança de um refugio castigo, não feito numa servil modernização do estilo clássico de todos os cafés — mas sim original dentro da evocação do nome — como «El Goya» de Madrid, como o ««Reitman» de Barcelona, como o «Coq Moreau» e o «Clochet» de Paris, como «Grün-Brann» de Leipzig — reconstruindo a grandeza onde Gerthe se inspirou para escrever o «Fauso».

Desilusão! O nome não correspondia ao ambiente, e este estava a muitas léguas da visão do publico... Deixá-lo em Lisboa o lugar — é uma tirania — e o «Nicola» ficará sendo um lugar-comum a mais...

Mas assim como nos resignamos á falta de originalidade, á inconsciência das responsabilidades que tal tabuleta impunham-nos no contexto de outros defeitos menos suportáveis. A gerência do «Nicola» deve ter mais escriptura na educação do pessoal que escolhe. Se alguns dos seus empregados são aceteiros, outros aliamentam os mais pacíficos clientes. Nos próprios, pessoalmente, fomos vítimas duas vezes de vexames que logo se provou serem injustos como não podiam deixar de ser — mas que não se esquecem facilmente. Uma vez, passa Duas, não... E o que nos sucedera a nós nem succedea a muitos...

Cuidado, hein?!

PRECISA DE
barragens de ferro
ou aço?
consulte
NEFF
a AZ dos Lulos no
seu armazém á
Rua Ferreira
Borges
n.º 47
PORTO

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os Párias-Nababos do País da Fama

O célebre Rio das Garças, em Mato Grosso, onde se colhem diamantes, é um centro cosmopolita onde homens com os bolsos cheios de contos de reis passam necessidades

O País da Fama não é o Brasil. O País da Fama é no Brasil... É uma paragem misteriosa daquela mirabolante república.

Alemães da Unter den Linden, franceses do boulevard Haussman... Ingleses de Piccadilly, Waterloos do *dancing* do «Claridge»... Frequentadores do Avenida-Bar que não arredam de diante de uma chfcara de café sem ouvirem vinte vezes a guitarra do Marcolino Viegas mais a

certo rio misterioso, que nem figura nos mapas e nem ao qual as geografias fazem, sequer, a mais ligeira das referências...

Porque em tôda a Europa, bem como em tôdas as Americas, já chegou, aumentada pelas opiniões exaltadas, a fama do rio mirífico onde se apanham, a mãos cheias, os maiores e mais belos diamantes do mundo, facilmente, sem pedir licença a ninguém... Esse rio...

sair vivos dos garimpos são gente que enriquece e que, só com a sua presença, gritantemente próspera, constitui um réclamo vivo do Rio das Garças, do País da Fama.

Mas a região é paradoxal: crianças esqueléticas de fome brincam com notas de conto de reis—a fingir cartas de baralho... Não há quasi que comer, porque a natureza, ali hostil, não dá nem uma fruta silvestre, nem um araquá, nem um ouricury, nem uma mangaba! Não se planta nada, só se cuida de extrair diamante!

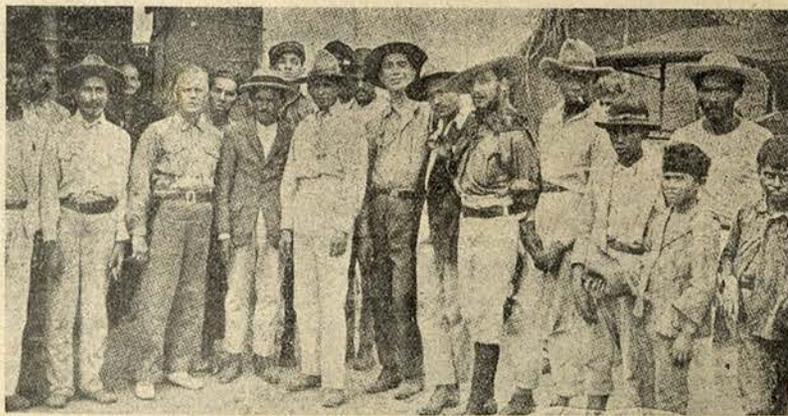
Assim, explica-se esta coisa fantástica: homens, agonizando de inanição, têm nas algibeiras, em dinheiro, uma fortuna nababesca—mas imploram, pelo amor de Deus, «um quarto de pão que seja!» São nababos? São párias! De que lhes serve tanta nota? Têm nas bolsas, nas chamadas «capangas», partidas de diamantes que valem por muitas safras. Mas, de mãos crispadas contra tais riquezas, mordem o chão, nos estertores da fome. São párias? São nababos... São o Párias—Nababos do País da Fama...

Rio das Garças... Nome poético... Sedutor êsse nome, não é?...

Além da buzina soprada por ignorantes e por conhecedores, além da publicidade, activíssima, feita por vítimas e beneficiados, há um grande factor que explica, em parte, a atracção especial que é, inegavelmente, a principal característica do Rio das Garças: a sua situação geográfica. É que o País da Fama fica em terras do Estado de Mato Grosso, do Estado cujo nome evoca o misticismo das brenhas que nem mesmo o sol desvirginou!

O Rio das Garças nasce afastado umas vinte léguas das cabeceiras do Araguaya, tendo origem na Serra de São Jerônimo e contravertendo com o Itiquira e o Tadarimana, rios que podem ser vistos em qualquer carta de Mato Grosso. A sua posição, naquele remoto sertão, faz com que os espíritos aventureiros se sintam afagados pelos dedos peludos do Mistério—e se atirem, ávidos, á conquista duplamente gloriosa de serem os primeiros a penetrar a natureza bruta e de amontoarem fortunas... Fortuna: glória, amor...

Sim, glória, amor... Principalmente amor... Amor sincero... Com a fortuna, êles, os Párias-Nababos do País da Fama, poderão fazer preço no amor sincero...



Os Párias-Nababos do País da Fama: garimpeiros, capangueiros, aventureiros de tôdo o mundo, povoadores do Rio das Garças...

viola do «miúdo» Martinho de Assunção a acompanharem os fados da Maria Albertina... Gajos que têm a mioleira a ferver á caça de um geito de deitar a mão aos *palhaços*—a fim de poderem correr mundo, ou de poderem fazer preço no amôr sincero; leitores empolgados pelas reportagens sensacionais de Reinaldo Ferreira, ou ouvintes sentimentais da Maria Alice... Chilenos «tôdo pelo», argentinos frequentadores do «Tabaris» da Calle Corrientes e do bar «A los cincuenta e cinco violinos»—onde os tangos de Julio de Caro e de Ricardo de la Cruz, com letra de Enrique Dizes e de Dante Linyera, sofrem a interpretação dos «payadores» adestrados... Tôda essa complicadíssima massa cosmopolita se acha devidamente representada no País da Fama. Estrangeiros dos mais diferentes pontos do planeta—visionários, ambiciosos, românticos, aventureiros—vão misturar-se ali com os nacionais, que também ocorrem dos mais diversos lugares do Brasil...

Porquê?

—Porque nos mais remotos pedaços brasileiros corre, cada vez mais repetida, a fábula perturbadora das riquezas de

Que rio é êsse?
É o Rio das Garças...
O Rio das Garças é que forma o País da Fama.

E onde é que fica o País da Fama, onde é que corre êsse rio?
Vai tudo explicado aqui adiante, mais adiante um pouco...

Na Africa Austral, os boers mineiros foram tomados de pânico ao saberem que o Rio das Garças ia produzir, pela abundância excessiva, a baixa no mercado universal de diamantes...

O eminente Augusto de Viana do Castelo—o ilustre brasileiro ora em Lisboa, onde reside no Park Hotel, e que é, conforme se sabe no Brasil, possuidor da maior mina de diamantes do mundo, dizem, chegou a ficar um tanto apreensivo ao pensar na concorrência, ao tempo em que S. Ex.^a era ministro da Justiça e Negócios Interiores do Brasil.

Tudo isso é, por uma parte, devido á propaganda que, intensa, aumenta numa progressão geométrica de incalculável razão: tôdos vão repetindo o que ouvem dizer a respeito daquela região garimpeira, e os que por lá andaram e conseguiram

(Conclui na pag. 15)

Idolos e fetiches da Africa Central

Portugal é a única nação civilizadora que no seu império colonial quasi exterminou a superstição bárbara dos seus indígenas

EM luta constante contra as feras e os elementos, no meio da floresta virgem, ao longo de rios coalhados de perigos e mistérios, impotentes diante das forças brutas da natureza, as raças negras da Africa Central ainda hoje atribuem poderes sobrenaturais a todos os fenómenos cuja origem ignoram.

Em contraste com o homem branco, o qual, no



Pequenos tambores sobre os quais, em relevo, se vêem gravados os símbolos dos fetiches indígenas

decorrer da sua evolução, reduzia a interminável história da sua cobardia canalizando-a em religiões que são o culto por fantasmas semelhantes ao homem mesmo, os negros, essa humanidade ainda na infância, criou uma série de divindades monstruosas e implacáveis que incarnam a natureza. A sua inteligência ainda informe, tal como a de toda a humanidade quando da aurora da civilização, não podendo explicar-se os fenómenos, é constantemente presa da angustia e do medo.

Assim, algumas tribus adoram o Sol ou a Lua, outras o raio e o arco-íris, muitas idolatram os animais ferozes como protectores: hipopótamo ou crocodilo, leão ou pantera, serpentes ou marabús. Algumas elevaram a deidades os peixes ou as plantas (o baobah), ou certas arvores onde residem

os espiritos de génios, consagrando-lhes uma tal veneração que as levam a punir com sangrentas vinganças a menor tentativa de sacrilégio.

De tal multiplicidade de cultos nasceu o fetichismo, que no fundo não é mais do que uma série de ritos figurados por símbolos que são intermediários entre o homem e a divindade. Na maioria dos casos estes símbolos são figuras, pequenas estátuas ou grotescas imagens de um ser ou força temida; por vezes estes símbolos são compostos dos mais heteroclitos objectos reunidos sobre uma pequena plataforma de madeira ou simplesmente amarrados ou pregados ao tronco duma árvore sagrada, espécie de altar primitivo.

Também a tatuagem da pele tem um papel de importância nos cultos da Africa Central, pois que é uma espécie de ornamento sagrado e heráldico ao mesmo tempo, que perpetua de pais a filhos os velhos símbolos religiosos, complexos e indecifráveis, das tribus.

Os feiticeiros, que são sacerdotes secretos, detentores dos mistérios e venenos, grandes mestres de tatuagem, são os juizes supremos e interpretes invioláveis das monstruosas divindades pagãs. Estes feiticeiros constituem a maior calamidade que assola aquelas primitivas gentes, por terem uma influência ilimitada e serem os únicos árbitros em todos os conflitos entre individuos e tribus.

Os feiticeiros formam uma confraria inúmera que está dividida em hierarquias bem definidas que estendem o seu poder misterioso desde o mar até aos desertos, até ás mais impenetráveis florestas e ás mais reconditas grutas das montanhas; gabam-se de suas relações com todos os espiritos, génios e deuses, fazendo crer que afastam ou curam todas as doenças, que salvam as colheitas fazendo chover a seu belo talante, por meio de cerimoniais que ás vezes atingem aspectos de orgias dionisíacas e outras vezes exigem sacrificios cruéis.

Quando surgem conflitos entre uma tribu e outra, ou simplesmente litígios entre duas famílias ou dois individuos da mesma comunidade, os chefes ou sobas nada determinam sem primeiro terem consultado os feiticeiros. Em tais casos, mediante boa retribuição, invocam o espirito de antepassados em nome dos quais impõem o castigo aquêle dos consultantes que menos puder pagar.

Quando morre um chefe ou notavel os funerais atingem caracter de grande festa com procissões, cantos, danças e libações.

Entre os ashanús da Costa do Ouro, junto ao chefe falecido sempre enterram duas ou três crianças vivas para encantar o espirito maléfico que causou a morte, dependendo o número de victimas da importância do notavel defunto. Em troca, no interior da Costa do Marfim recorre-se á prova da morte: numa determinada hora junta-se toda a tribu diante da cubata do extinto e rompe em prantos e lamentações estridentes, só interrompidos por danças macabras, libações e um tam-tam ensurdecedor. Quando o cadáver, revestido de seus melhores trajes, é posto sobre uma prancha e rodeado de suas armas e troféus, inicia-se o cortejo á volta da aldeia, acompanhado pela multidão chorosa. Depois de ter dado algumas voltas á aldeia e segundo a indicação do feiticeiro, o cortejo pára diante duma qualquer cubata; então a multidão grita vingança, como se o infeliz proprietário da cubata tivesse alguma culpa na morte e em poucos momentos desaparecem o cadáver e o indicado pelo feiticeiro.

Só esta scena basta para dar uma ideia de como está compreendida e é praticada a justiça divina

dos feiticeiros. É corrente em toda a Africa Central a aplicação da «prova do veneno», que consiste em obrigar o paciente ou pacientes a absorver grandes quantidades de cosimentos de cascas de árvores ou plantas venenosas. Outra prova corrente é a do «azeite a ferver», onde os litigantes mergulham as mãos. Neste caso reconhece-se inocente aquêle que mais tempo aguentar as mãos dentro



Carregam á cabeça estranhas e minúsculas urnas semelhantes a báres, onde se guardam as sagradas relíquias dos fetiches

do azeite; no primeiro caso fica inocente o litigante que resistir ao efeito do veneno.

É curioso que estas práticas de feitiçaria são comuns a todas as tribus, mesmo aquêlas que não estão ligadas por amizade ou aparente comunidade de tradições. A dominação branca, impotente para sufocar as manifestações destes cultos, limita-se a travar os excessos.

Grato é constatar que Portugal tem sido e é a única nação civilizadora que no seu esplendido império colonial quasi exterminou tais práticas barbaras, levando os indígenas pelo caminho do progresso e duma justiça mais bela e mais humana.

M. G.

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92

Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS

Gomes da Silva, Ltd.

ESPECIALISTAS

**Balanças, artigos
para a industria**

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

Sousa» que andavam de boca em boca... O cavalheiro — e que cavalheiro! — era, de facto, um prodígio no genero. Que habilidade, que agilidade — que audácia! Ninguém organiza mais facilmente um negocio fantástico; ninguém anestesias com maior sciencia um credor exaltado ou um capitalista prevenido; ninguém dá, com mais elegancia, — e impunidade — o salto mortal de uma falencia sem rêde! E sempre com o mesmo ar — o mesmo destemor, esteja jantando no Camanho ou oferecendo um five atrás das grades da prisão. Mas de todos os folhetins que dêle me contaram documentadamente — o mais inverosímil — quasi tão inverosímil como a sua aventura em Paris a que outro artigo hei-de referir-me — é, sem dúvida, o da «Atlantica», em 1919. Em 21 de Abril do citado ano os jornais publicaram, sob o título «Desfalque importante», a noticia de ter sido preso sob rigorosa incomunicabilidade o sr. Jaime Rodrigues de Sousa, morador na Avenida da Boavista, acusado, pelo Conselho de Administração da C.^a Atlantica, de ter escamoteado 1000 contos! A novidade fez sensação dada a categoria social (!) do preso. As investigações foram seguidas nervosamente pelo publico. Uns banqueiros de Barcelona, Hors & Baus, intervieram no assunto, como co-vitimas; mas mal a incomunicabilidade foi levantada — o velho, encardido e esburacado casarão do Aljube transformou-se em «Ritz», com bichas de «autos» à porta, damas floteando sorrisos em redor do detido — faltando apenas um jazz-band para que a festa fôsse completa. Houve quem dissesse que foi durante essa festa no cárcere que Jaime de Sousa organizou os seus novos negocios. Dois dias depois — 24 de Abril de 1919 — o marquês de Sousa é afiançado em 400 contos (a maior fiança arbitrada até então no Porto, o que elucida eloquentemente sobre o resultado das investigações acerca da culpabilidade do preso...) e nesse mesmo dia os jornais publicavam em anúncio uma declaração sua em termos pitorescos e sem sintaxe... «Só agora — dizia — posso cuidar da minha defesa e esforçar-me-ei por a documentar quanto possível (?) doa a quem doer (???)». Necessito para isso do tempo indispensavel para arrancar do meu enorme e precioso «dossier» os documentos que possuo... E terminava por afirmar: «Ninguém perderá com a demora!»

Quem naturalmente ganhou com ela — e não tão pouco como isso porque 1000 contos é dinheiro — foi o proprio Jaime de Sousa. E sobre o escândalo fez-se pouco a pouco um silêncio prudente...

Sai do Porto e, confesso, tive mais em que pensar do que no sr. Jaime de Sousa, com quem atidás nunca falei, esquivando-me a todos os pretextos de apresentação ou de aproximação. O album onde ele colleccionava a papelada referente ao caso «Atlantica» e a muitos outros, de

genero diferente mas onde ele é igualmente exímio, ficou dormindo a sóno solto, arrumado entre muitos outros...

Ora bem. E' aqui que vão começar as minhas relações com o illustre cavalheiro de industria... de seguros e comercio de cabedais. Parti para Londres e por acaso no mesmo «Sud» em que iam o illustre jornalista Adelino Mendes, o sr. Mota Gomes e outras pessoas conhecidas — em 9 de Novembro de 1930. Só sai de Londres, como posso provar pelo meu passaporte, em 22 de Dezembro, demorando-me em Paris até 26 e só entrando em Portugal em 27 do mesmo mês. Três semanas depois de me encontrar na capital inglesa recebi o «Reporter X», que durante a minha ausência ficou brilhantemente dirigido pelo seu Administrador e pelo Chefe da Redacção, o meu querido Mario Domingues, o qual publicava uma página dedicada à ultima proeza do «marquês de Sousa». Confesso que li com sorriso benévolo as benévolas acusações que o autor fazia ao cavalheiro. Confesso que não fixei sequer o nome do colaborador que o redigiu e que o enviou. Confesso que pensei na minha colecção de recordações e no enorme film cinematográfico que se podia mise-en-scenar com o que eu sabia a respeito do sr. Jaime de Sousa. Confesso que logo me esqueci do artigo e do acusador — não me passando sequer pela mente tomá-lo a cargo... Era um assunto esgotado... Não valia a pena falar mais nêle.

Era só isto o que o sr. Jaime de Sousa tinha a ganhar — se não fôsse, além do que é, um caluniador ignóbil: ganhava que eu me tivesse esquecido dêle e que o «Reporter X» não tornasse a banhar o seu corpanzil de carregador mascarado em gentleman num Carnaval de provincia, com o projecto luminoso que usa quando julga seu dever desmascarar velhacos.

Reporter X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

O MISTÉRIO DOS BONECOS DE CERA

(Continuação da pag. 5)

tiio lhe falou que a saltimbanca se transformara em bola de cera e em tocha, também ia enlouquecendo. A' tarde o velho tinha a mesma fúria. Veio o médico e não se demorou a diagnosticar a doença do lavrador. Loucura súbita...

Entretanto as autoridades apuravam quem fóra o causador da tragédia — e indifferentes à protecção que Aureliano gozava e ao medo que a sua fama de pimpão valente inspirava a multos, — o correspondente jornalístico devia pertencer a um dos dois grupos... — meteram no na cadeia, enquanto o tio aguarda vaga para entrar num manicómio.

Mas como o sr. Jaime de Sousa deseja festa — vamos à festa...

Como disse já, o artigo saiu uns vinte e tal dias depois da minha saída de Lisboa e quasi um mês antes do meu regresso de Londres. Pouco depois de chegar a Portugal necessitei ir ao Porto. E no Porto, controlado, comprovado, infosismadamente, apurei o seguinte:

O sr. Jaime de Sousa enguliu em são ao vêr um ligeiro capitulo da sua biografia estampada na imprensa — e temeu, sobretudo, que aquela página fôsse apenas a sinfonia da entrada. Durante uma, duas semanas, andou enjoadada. Mas quando, na terceira semana, notou que o «Reporter X» não voltava a referir-se-lhe, respirou fundo, inchou o torax, retomou as suas atitudes de pavão e procurou vingar-se e ao mesmo tempo exhibir mais uma proeza de pimpão. E aqui e all; e à porta dos confeitores; e no Passos Manuel; e por toda a parte (tenho dezenas de testemunhas) o cavalheiro de industria de seguros e de negócios de cabedais, entre a cilada covarde que armou a um credor a quem chamou com a falsa promessa de liquidação de uma conta e a quem, auxiliado pelos cumplices, espancou à porta fechada, e a sova que êsse mesmo credor lhe pregou dias depois, ao encontrá-lo sosinho, foi espalhando o seguinte boato:

— Aquilo do «Reporter X» era apenas uma questão de dinheiro... Já não sai mais nada contra mim. Escrevi ao Reinaldo Ferreira, que me deve favores. Ele veio de proposito ao Porto e na tarde de 2 de Dezembro, no Café Radio, entreguei-lhe cinqüenta contos... que por sinal que me fazem agora bastante falta!

Ora então, sr. Jaime de Sousa, eu devo-lhe favores? Eu fui ao Porto chamado por V. Ex.^a? Eu recebi no Café Radio do Porto e da sua mão, no dia 2 de Dezembro, quasi à mesma hora em que, em Londres, almoçava com Adelino Mendes e Antonio Ferro, a quantia de cinqüenta contos para que não saísse mais nenhum artigo no Reporter X sobre as suas proezas charlatanescas?

Pois muito bem, sr. «marquês»... V. Ex.^a desta vez equivoocou-se... Esqueceu-se de que eu podia esfregá-lo com as provas facilissimas da sua calúnia... Esqueceu-se de que eu estava indiscutivelmente a muitas léguas do local que V. Ex.^a inventou para me caluniar e para se vingar de um piparote ligeiro — ligeiro em comparação ao knut de cossaco que o passado e o presente de V. Ex.^a merecem... Ah! Quanto perdeu por não estar calado! Quanto perdeu por não me conhecer! Quanto perdeu por caluniar um homem e um jornal honrados! Foram então cinqüenta contos o preço do meu silencio? Pois muito bem sr. «marquês»... Prepare os ouvidos — para escutar... o meu silencio... Ah! Ah! «marquês!» V. Ex.^a — além de tudo o resto — é parvo. Se não fôsse parvo não se metia nem caluniava este seu — Att.^o Ven.^o e Obg.^o

CRISTÃO ERRANTE

REPORTER X

DRAMAS DA VIDA REAL

(Continuação da pag. 6)

Amaro», transposto para realidade crua e vivido vibrantemente pelos dois simpáticos doidos de amor...

Mas a natureza deixa sempre vestígios denunciadores da sua passagem, a atestar a verdade dos factos. A elegância correcta das linhas de Eduarda deformou-se lamentavelmente, acusando a sua desonra.

Materialmente, tornava-se já impossível ocultar o seu crime — porque ia ser mãe.

Dezembro de 1927.

Frios anavalhantes ensombram de tristeza a alma dos desertados. Cobrem-se de neve os caminhos.

A sociedade presta-se alegremente para a Festa da Família. Os pobres, no seu destino de negrura, em avalanche subterrânea do sofrimento, na ronda da dor e da maldição, calcucriam lares felizes na aquisição da esmola bemdita que lhes vai enganar o estômago ávido e esmoreado.

Está-se a 23 — vésperas do Natal.

No seu quarto pobre e desconfortável, o padre Olímpio arranja carinhosamente características prendas para a boa velhinha, sua mãe, que na terra, Povoia de Lanhoso, o espera para a consoada da tradição.

Súbito, alguém lhe bate violentamente à porta.

Um tipo alto, embaçado num amplo capote à alentejana, com vasto capuz a esconder-lhe as feições, penetra no aposento.

O que se passou entre os dois homens não se sabe.

Mas contam as vizinhas do padre Olímpio que na parede fronteira à sua casa se projectou, como um film que estivesse a desenrolar-se, a imagem dos dois homens, supondo-se, pelos gestos saucedidos, que estavam empenhados em violenta alteração.

E quando, passados momentos, o homem do capote à alentejana saiu furioso, atirando ruidosamente com a porta, as mesmas vizinhas viram silhuetizar-se na parede da rua, transformada em denunciador «écran», a figura do padre Olímpio, sentado, em atitude pensativa, com a cabeça em descanso nas mãos.

Depois, ao cabo de muito tempo, a luz enfraqueceu, apagando-se lentamente, morrendo, por fim, à mingua de combustível.

Na vizinhança primeiro, em toda a cidade depois, começou a correr a versão de que o misterioso personagem do capote à alentejana teria intimado o padre Olímpio a reparar a sua falta, abandonando a vida eclesiástica e casando com Eduarda...

E' a voz do povo; de concreto, todavia, nada se sabe.

Na manhã seguinte, a 24, o padre Olímpio era encontrado morto, estrangulado, suspenso numa trave na Igreja de Sampaio ou S. Domingos, tudo indicando tratar-se de um suicídio.

Proximo ao cadáver ardiam dezenas de velas do altar, numa pálida constelação de chamas amarelas e sonolentas; e o balancear do corpo apagava algumas e fizera cair outras.

Eduarda, morto o único homem que lhe despertara o coração e cuja memória lhe enchia agora a existência de exaltada saudade pelo ente querido, deu à luz uma interessante criança.

Esse facto mais lhe veio exacerbar as suas negras tristezas, por lhe vir evocar a passada felicidade. O seu coração sangrava ainda da ferida que não cicatrizava e que o pensamento reaviva constantemente.

Morrer era o seu maior desejo. Mas o suicídio atemorizava-a, causava-lhe enorme pavor... O que seria a Grande Noite, o Desconhecido, o mistério da Morte?...

Os Párias-Nababos do País da Fama

(Continuação da pag. 12)

Sim, porque (dizem eles) tudo se compra neste mundo — inclusivé o coração de toda e qualquer mulher... Há as sin-ceras, as abnegadas — que são as mais caras...

... Por isso, nos acampamentos à beira dos ribeirões diamantíferos, afluentes e sub-afluentes do Rio das Garças, com viélas tortuosas e nos bécos formados pelas palhoças, pelos ranchos, mistura-se a multidão cosmopolita de garimpeiros, capangueiros, piratas e negociantes de toda a espécie, mascando, saudando-se, praguejando — numa Babel baralhadíssima:

- *Seu patricio, cadê o chibiu?*
- *Sáld, pueblo!*
- *What's the matter? Have no diamonds?*
- *Saligot!*
- *O', pá! E', pá, não venhas com paródias!...*

Mas às vezes os olhos se injectam, as narinas se dilatam, as pragas estrugem... E' que, quem já não era facinora, aprende a ser facinora, tem que ser facinora, para viver no País da Fama... Dum momento para outro, luzem centenas de canos de revólveres, de pistolas, de «rifflés»... E logo o chuveiro invertido das balas principia a esburacar a solidão... Começam atirando para o ar, mas, quando o «pampeiro» cessa, vê-se que a população diminuiu: Seis, dez, uma dúzia... Fôram acertados e estrebucham na areia...

Ah! Ir de longe na ansiedade de enriquecer, adiar desejos, sufocar impulsos... Atravessar desertos com a garganta em brasa, debruçando-se sobre a água pôdre da primeira cacimba...

Tudo isso para quê?

Para acabar um dia nas agonias da fome, nos estertores da sezão ou da bérí-béri... Para acabar estripado pela faca da «jagunçama» ou varado pelas balas, num acampamento de bandoleiros...

O País da Fama... O Rio das Garças... Nome poético... Sedutor esse nome, não é?...

MARIZ E BARROS

Foi-lhe imposto o único caminho de salvação: — a entrada num convento!

Ser freira?... Agradava-lhe! Podia assim entregar-se na solidão dum cela ao culto da sua grande saúde, longe das convenções sociais, da vida de preconceitos, do mundo, enfim, que não perdôa...

Partiu para Espanha, a professor.

O fruto inocente dos seus devaneios amorosos ficou entregue aos cuidados dum tio, em Braga.

Eis, a pinceladas largas e imperfeitas, todo o romance de duas almas desditosas que a sociedade, inflexível nos seus juízos, colocou sob o Index da Fatalidade, retalhando, conscientemente, duas vidas — duas vidas que principiavam agora a vibrar para o mundo.

AMÉRICO FARIA

UMA REPORTAGEM SENSACIONAL

(Continuação da pag. 9)

que é do seu sangue...» Escreveu uma carta ao general Joffre — carta que meu irmão conserva como uma relíquia...

Calou-se o meu inesperado entrevistado — e a energia que pusera em todo o seu desabafo, acalorando-o, vincava mais ainda a sua semelhança física com o glorioso marechal. De novo recordei a comovida curiosidade com que o velho militar me falava do pai — naquele modesto *restaurant* de St. Denis. Perguntei então:

— E seu avô — vive ainda?

— Não! Faleceu, creio eu, nos finais da guerra. Estávamos ausentes... Era ainda muito novo. Não fixei a data. Mas sei que está enterrado no cemitério de Agremonte...

O que é a vida! O que é a morte! Só agora — 48 horas após o seu falecimento — é que eu posso as informações que piedosamente o velho marechal aguardava sobre o destino de seu pai, que ele não via desde a juventude! E mal sabe a França que o pai do seu glorioso salvador dorme o eterno sono num cemitério florido de Portugal!

REPORTER X

(Copyright by «Reporter X»)

(Reservados todos os direitos de reprodução ou tradução)

APARECEU O CAMELEON FORMULA 1930

MUDA DE TOM COM CADA CÔR. RESISTE A TUDO E DÁ AOS LÁBIOS UMA SEDUÇÃO IRRESISTIVEL.

ROUGE CAMELEON

AGENTE EXCLUSIVO

José Amaral (cont. alarm. 2001)

PORTO

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1853)

Capital Integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancária Sousa, Cruz & C.a. L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO

PREDIAL PORTUGUÊS

LISBOA - Rua Augusta, 235

TELEFONES: 21351 e 21352

Delegação no PORTO

Praça Almeida Garrett, 35

Agencia em COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 100, 1.º

Nova instalação, feita pela casa «FICHET», de Paris, de cofres de aluguer, nas magníficas casas fortes na
:- séde da Companhia, em Lisboa :-

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEPHONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO



Pela manhã, ao levantar-me da cama, sinto um grande prazer em tomar tão belo

RECONSTITUINTE

Á venda nas mercearias, farmacias e drogarias, etc.

"REPORTER X"

Compram-se os números 1,

5, 6 e 7 dêste semanário

que se encontram esgotados

Trata-se na administração do REPORTER X, Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■